

## É POSSÍVEL UMA DEMOCRACIA DO SABER?

Talita Miranda Ribeiro (UENF)

[talitamiribeiro@hotmail.com](mailto:talitamiribeiro@hotmail.com)

Giovane do Nascimento (UENF)

[giovanedonascimento@gmail.com](mailto:giovanedonascimento@gmail.com)

Neste sentido, a ciência vive do desafio, do imorredouro de descobrir realidade que, sempre de novo, ao mesmo tempo se descobre e se esconde.

(Demo, 1990).

### RESUMO

O presente artigo propõe expor uma breve cronologia da democracia do ensino na Grécia antiga com base em Platão e apontar supostas relações entre as propostas do filósofo do século V a. C e o foco atual do sistema educacional no século XXI.

**Palavras-chave:** Democracia. Idealismo platônico. Formação educacional. Arte.

### 1. *Grécia Antiga, contextualização*

Partindo das propostas de Sólon, séc. VI a. C., o que diferenciava à classificação dos atenienses na época era a fortuna x nascimento. Até então a autoridade baseava-se no direito divino, um caráter ainda primitivo da sociedade camponesa. Observa-se a tentativa de alteração na mentalidade, uma quebra nos antigos costumes da aristocracia. O povo começava a adquirir uma importância maior na vida da cidade. Sólon não rompeu com a aristocracia e sim acalmou uma revolução do povo. De pouco em pouco suas reformas operaram transformações futuras na vida de Atenas. Uma sociedade dominada por uma aristocracia guerreira, senhora da terra e do poder político.

Anos depois os filhos de Pisístrato – Hípiase Hiparco, dominam o poder após a morte de seus pais, porém, voltados para a economia, o intelectual e o artístico. O pai governou de uma maneira simples particular, já os filhos eram cheios de pompas na corte, o que atraiu para Atenas poetas, escritores e artistas. Um reinado a princípio calmo, até que um dos irmãos é assassinado.

Outro marco na história da Grécia antiga foi Clístenes, que seguiu os caminhos de Psístrato, deixados meio século antes, para se manter no

poder: o apoio ao povo. Clístenes concebeu sua reforma antes de colocá-la em prática. Um sentido político forte, não só contra as famílias aristocratas, mas, sim, de integração das diferentes partes da Ática, dando sequência a obra de unidade. Criava-se então a “cidade-estado”. Outro fato fundamental para o contexto da democracia foi o surgimento da Boulé, órgão essencial para a democracia ateniense, organização política e militar elaborada com base na divisão dos cidadãos das dez tribos. Criam-se então as condições para o nascimento da democracia, leis que expressam a vontade do povo, como a igualdade (isonomia), reforma do espaço cívico. Essas condições não se instalaram profundamente a princípio e os anos que seguiram relatassem na história muito pouco.

Em Esparta as atividades eram voltadas para uma educação militar objetivando as vitórias nas lutas, disputas por território. Já na Grécia, no sec. V a. C., a educação toma um rumo em que as técnicas foram usadas nas competições – esgrima, atletismo e ginástica, o que contribuiu para a democratização e popularização da educação física.

O hipismo, um esporte que até hoje se sustenta com tradição, custoso, ficou restrito aos nobres helênicos ociosos, já o atletismo foi progressivamente democratizado, pois tem um custeio menor. O povo de Atenas vai conquistando seu espaço com a adoção de um modo de vida civil e não mais militar.

## **2. Mudança na formação**

As alterações na vida ateniense refletiram no processo de formação que passou a dar ênfase nas habilidades. Na escola ateniense surge um indivíduo que passa a ter contato com exercícios voltados para o corpo e para a alma, baseado numa busca pela democratização da escola, pela democracia como um todo. O contato com poetas, artesãos e artistas no desenvolvimento do comércio pelo mar Egeu, pode ter influenciado nas tomadas de caminhos diferentes no que tange à educação. O sentido mudou, embora as práticas dos exercícios permanecessem, essas práticas não visavam mais a formação para a luta, para as conquistas de território, e sim, para competição. Não buscavam mais a formação de um corpo forte para matar, mas um físico definido pensando no bem estar/beleza (*Kalokagatia*).

Uma formação pública pensando no melhor para a cidade, não mais para vencer e conquistar, mas para desenvolver a comunidade/regi-

ão. Uma educação de origem nobre, que se estende aos fidalgos até chegar às camadas dos demos. Os mais velhos da época ficaram meio que ressentidos por acharem que desvalorizaram toda a essência da cultura nobre, mas todos os artesãos com certeza viram nessa mudança oportunidades de valorização própria: "...o ensino individual não podia mais bastar. Impunha-se uma ação coletiva e, segundo imagino, foi a pressão dessa necessidade social que fez nascer a instituição da escola. A educação particular não desaparece de repente." (MARROU, 1945, p. 72)

A princípio, o aluno se desenvolvia apenas nas habilidades de lateralidades, espaço, coordenação motora entre outras mais restritas ao corpo físico. Com a democratização do ensino emerge ao mesmo tempo o desenvolvimento de atividades que proporcionam ao aluno um aprendizado também cognitivo. São inseridas, pouco a pouco, outras disciplinas, pensando na evolução do aluno como um todo, passando da educação antiga para a clássica.

### **3. Outra mudança, agora com Platão**

Para Platão, filósofo da cultura e educação, uma boa educação é aquela que parte de dois segmentos: a ginástica para o corpo e a música para a alma. A educação grega une ao esporte, o desenvolver do espírito, do intelecto e o artístico, juntos. O belo é a beleza física e o bom é a moral. Segundo Huisman, citando Platão, "...toda beleza, diz Platão, deve haver 'uma beleza primeira que, por sua própria presença, torna belas as coisas a que chamamos belas, de qualquer maneira que se faça esta comunicação.'" (HUISMAN, 1961, p. 12)

O indivíduo belo e bom, é um indivíduo equilibrado, é aquele que vai gerir uma cidade de forma bela e boa. O canto e a poesia eram vistos como instrumentos de disseminação do saber: "...o menino deveria acumular, antes de tudo, um repertório de poesias líricas, se quisesse tornar-se um dia capaz de participar honrosamente dos banquetes e de passar por um homem culto." (MARROU, 1945, p. 75)

Voltando a Platão, início do IV século, ele e Sócrates se destacaram como mestres no período clássico, não porque desenvolveram novas metodologias de ensino, mas por terem retocado àquelas que já vinham com o passar do tempo se desenvolvendo na história. Assim como uma antecipação *Avant la lettre*, Platão já apontava a importância dos jogos educativos para as crianças dos dois sexos e sob vigilância de outro, o

que se assemelha com os pensamentos de Piaget e Vygotsky, com base nas teorias interacionistas, apontadas, séculos mais tarde. Os filósofos, Platão e Isócrates, defendiam duas formas de educação, uma com base na filosofia e outra com base na oratória. “...bons socráticos, insistem sobretudo no aspecto moral da educação, da formação pessoal, da vida interior.” (MARROU, 1945, p. 72)

O bom político passa a ser aquele que tem a percepção e formação do belo e bom (*Kalokagatia*). Percebe-se, então, mais uma transformação nos princípios que norteiam a educação, primeiro para as lutas, depois para a formação da poli e em transição a importância da formação do indivíduo, mesmo que ainda para a gestão das polis. Nesse momento, esse processo formativo visa desenvolver o homem virtuoso. A escola era uma instituição já complexa na época, um sintoma disso pode ser atestado pelas constantes alterações curriculares, além das perspectivas políticas presentes nos projetos pedagógicos.

Platão via na política o destino humano, era contra o espírito de competição buscando uma formação do caráter e da personalidade, se preocupava nas aulas de ginástica não mais apenas com o corpo, mas com o todo que forma o indivíduo, por exemplo, alimentação e higiene eram temas tratados nas aulas. Ele se desvincula de Atenas quando a democracia renasce e se refugia, criando um manual de boa conduta e atividades propostas, porém, sem colocar suas sugestões na prática social, passando a viver em função da teoria e de sua *Utopia*. Seus discípulos colaboraram e muito com as tentativas de colocação de sua teoria em prática. A verdade para o teórico era a base de seu sistema educacional e poderia ser obtida através do raciocínio. O objetivo não é mais o sucesso obtido nos debates, mas o encontro da verdade.

Na academia, continuam a estudar as propostas de Platão no que tange ao poder de emancipação advindo do saber. Defendiam uma metodologia ativa, baseada num método de investigação que visava uma ascese da alma, partindo de hipóteses, até o encontro das ideias perfeitas. Platão em sua academia apresentava uma ciência em evolução, além de defender uma educação pública em que os mestres seriam escolhidos pela cidade, as crianças receberiam educação a partir dos seis anos de idade, e como na época a mulher ainda pertencia a uma classe de submissão, ele propunha que ambos os sexos deveriam estar nas escolas, porém em turmas separadas. Antecipação ou utopia?

Platão em seus estudos nos faz refletir sobre o papel da poesia, an-

tepondo à filosofia, para ele, seria o equivalente a mentira *versus* a verdade. É como que pensar a arte, de acordo com Shusterman, “...é um conceito intrinsecamente aberto e mutável, um campo que se orgulha de sua originalidade, novidade e inovação.” (SHUSTERMAN, 1998, p. 25) Surge, então, uma dúvida sobre a educação, o questionamento se ela deveria ser meramente artística ou transformar-se em ciência.

Mais uma vez, agora com ênfase na matemática, Platão nos remete aos pensamentos futuros de Vygotsky afirmando que “...os objetos de estudos servem para despertar o espírito, fazem-no, ele, desembaraço, memória e vivacidade” (MARROU, 1945, p. 122). Vygotsky apresenta a importância dos instrumentos que levam a criança à aprendizagem, através da interação com o meio e um mediador. Assim como Vygotsky, Shusterman também aponta a relevância do fazer artístico, “... a essência da arte não reside nas propriedades que ela apresenta, mas em seu processo de geração.” (SHUSTERMAN, 1998, p. 26)

Para Platão, alcançar a verdade absoluta, a realidade verdadeira, é fundamental libertar-se do sensível para pensar o inteligível, e, nesse sentido, a matemática funcionaria como uma educação preparatória, o principal instrumento do alcance das ideias pela alma.

O platonismo, em seu século, lançou uma proposta para o sistema educacional: dividir os estudos em três ciclos e com periodicidade de três anos cada, iniciando: “...dos dez aos treze, estudos literários; dos treze aos dezesseis, estudos musicais; e, por fim, as matemáticas... (...) Aos dezessete ou aos dezoito anos, os estudos propriamente intelectuais interrompem por dois ou três anos, consagrados “ao serviço obrigatório de ginástica” (MARROU, 1945, p. 125), já que aos jovens era imposto o serviço militar.

Após os vinte anos, livres para encetar os altos estudos. Começa então, propriamente, o ensino superior... (...) Durante dez anos ainda, continua o estudo das ciências... Somente aos trinta anos... (...) poder-se-á enfim tratar do método propriamente filosófico, a dialética, a qual, renunciando ao uso dos sentidos, permite atingir até a verdade do Ser. (MARROU, 1945, p. 125)

Advindo mais cinco anos de trabalhos, mais quinze de vivência em sociedade para então com cinquenta anos ter a contemplação do Bem em si. Um caminho longo e estreito, denominado pelo próprio Platão quando se referia a seu método pedagógico “grande rodeio”, “vasto circuito”. Podemos nos perguntar em que medida estas soluções, aqui apresentadas, ainda funcionariam para o sistema educacional de hoje?

#### **4. Platão e o hoje**

É preciso atentar para o fato de que, embora sejam apontados índices que popularizam a educação, esta, sem dúvida nenhuma, ainda se apresenta como um “produto” e não como um “direito”. Como durante séculos a educação permaneceu nas mãos de poucos, como inclusive uma forma de poder, dominação, é preciso tomar cuidado com as falsas propostas e segmentação do povo.

É preciso romper por completo com o sistema que prepara os indivíduos para o “consumo de pacotes”, termo muito bem empregado por Ana Mae Barbosa quando se refere ao consumismo inserido na sociedade, e bem observado, pois esse processo enfraquece o indivíduo no que tange a reflexão e crítica sobre seu meio. Instaurando uma dependência social que manipula a todos, trazendo a alienação e repetição, copistas das coisas, pensamentos e palavras. Um sufocamento da consciência crítica de todos que assim se deixam levar. “... o Estado ao invés de agir como educador em todo o sentido humanístico desta função, assumiu o papel de construtor, administrador e fiscalizador de escolas.” (BARBOSA, 1982, p. 22)

Em suma, na concepção de Platão, a educação deveria sim ser oferecida a todos, mas nem todos conseguiriam alcançar a verdadeira virtude com ela. Em seus escritos, deixou claro um certo receio com a disseminação proposta pela democracia, em que a aristocracia perderia o domínio, usou a palavra desordem para expressar seu temor no que tange à harmonia da sociedade.

Mas sua proposta de valorização do corpo e da alma, do intelecto com o objetivo de atingir um equilíbrio do indivíduo, parte do pressuposto de que formar o indivíduo, é formá-lo como um todo. É interessante pensar que, já nesta época, Platão desenvolve um trabalho pedagógico de maneira interdisciplinar entre as áreas, uma proposta que hoje é sugerida nas instituições de ensino como uma “novidade”, entretanto, muito se precisa trabalhar para atingirmos o entendimento de tal processo.

Possibilitar a oportunidade do indivíduo tornar-se um homem crítico, de refletir sobre as coisas e não somente aceitá-las, é a proposta atual do MEC (Ministério da Educação e Cultura) que pode ser encontrada no currículo básico para todas as escolas do país e realmente fazer acontecer a democracia para todos, ou seja, fazer chegar a oportunidade de estudos à toda sociedade sem distinção. Assim, teremos um povo mais culto e participativo, atento às propostas e criações, sejam elas políticas,

econômicas, religiosas, de pesquisa científica entre outros.

Para isso, é necessário fazer acontecer o que está nos documentos de orientação do sistema educacional. Os PCN apontam aos profissionais um novo olhar para a educação. Uma nova trajetória que revigorará, se trabalhada de forma adequada, a vida do povo brasileiro.

## 5. *Considerações finais*

O juízo global de ignorância volta-se contra quem o pronuncia. (...) se você cometer a fraqueza de pensar que alguém é ignorante, procure em que contexto o que sabe é ouro. (...) Ninguém sabe tudo, todos sabemos alguma coisa, todo o saber esta na humanidade. (LEVY, 2000).

O mundo é ainda uma incógnita em vários sentidos, a verdade é ainda incessantemente procurada, estudada e pesquisada em todas as áreas. Almeja-se conhecer, entender tudo aquilo que ainda não foi explicado ou testado cientificamente, comprovado. A busca pela compreensão da vida guiou os pensamentos da Grécia antiga assim como a evolução dos homens primatas e suas tentativas de comunicação e expressão.

Se na Grécia antiga a busca pelo belo é um desejo de eternidade, como se explicava o que vinha exatamente após a morte? A intenção pretendia eternizar, pelas ações que os purificava, o homem virtuoso, sendo esse adjetivado de Belo. O homem deveria compreender a si mesmo, buscando conhecer-se cada vez mais seu interior, assim atingiria a harmonia total. De acordo ainda com Platão e suas teorias, percebe-se a importância das instituições escolares trabalharem o indivíduo como um todo, é interessante quando ele propôs o desenvolvimento do aluno através do corpo e da alma, pois dessa forma conecta tudo aquilo que forma o indivíduo e o direciona no caminho à educação. Percebe-se ainda que Platão já se atentava para a importância de um indivíduo ativo, capaz de escolhas e proposições, e não um ser submisso.

A educação de hoje busca desenvolver esse indivíduo apontado por Platão, ainda que alguns setores da sociedade queiram sufocar essa tentativa de um mundo mais igualitário. Shusterman concorda com Platão em seus pensamentos sobre a formação humana, e afirma: "...a criação artística é em si uma experiência intensa, que forma tanto o artista como a obra." (HUSTERMAN, 1998, p. 47)

O querer saber sempre mais é o que move o homem em seus estudos e pesquisas. Uma busca incessante pelo conhecimento que perpassa a pré-história, onde se deu os primeiros passos; a Grécia antiga, em que pôde ser observado uma grande evolução no que tange a abertura do saber a todos; à atualidade, com as novas possibilidades advindas das tecnologias.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. *Recorte e colagem: influência de John Dewey no ensino da arte no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1982.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. 2. ed. Brasília: MEC; Rio de Janeiro: DP&A, 2000, vol. 1. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12657%3Aparametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-serie&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12657%3Aparametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-serie&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859). Acesso em: 12-08-2010.

LEVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é virtual?* Rio de Janeiro. Editora 34, 1996.

MARROU, Henri-Irénée. *História da educação na Antiguidade*. 4ª reimpr. São Paulo: E.P.U.; Brasília: INL, 1945.

MOSSÉ, Claude. *Atenas: a história de uma democracia*. Trad.: João Batista da Costa. 3. ed. Brasília: UnB, 1997.

SCALÉA, Neuse Schilaro; SANTA ROSA, Nereide Schilaro. *Arte-educação para professores: teoria e prática na visitação escolar*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 2006.